

DEAN, Warren . *A Ferro e Fogo. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 484 p.

Se atentarmos que a natureza do Brasil, desde os primórdios da colonização, foi caracterizada ora como paradisíaca, ora como infernal, o que sempre lhe conferiu caráter ambíguo, podemos então dimensionar a lacuna que a obra de Warren Dean vem preencher. Trata-se de um livro pioneiro já que no Brasil temos poucos trabalhos históricos em que a relação homem-ambiente seja o foco da atenção.

Não é o primeiro trabalho de Warren Dean nesta linha. Publicou pela editora Nobel, *A luta pela Borracha no Brasil*, onde busca atrair a atenção do leitor para os problemas enfrentados no cultivo sistemático da seringueira no Brasil, cuja árvore, a hévea, quando cultivada na Amazônia, é mais vulnerável ao ataque de fungos que arruinam as plantações. Este novo enfoque visa mostrar que as relações do homem com o ambiente devem ser consideradas, quando se pensa nos motivos que levaram à constante frustração da Amazônia de vir a ocupar o lugar que ocupava no mercado mundial como fornecedora de borracha para o mundo, e que perdeu quando a borracha passou a ser cultivada na Ásia.

No *A ferro e fogo*, Warren Dean mostra mais uma vez a categoria de um grande historiador no cuidado com as fontes, que se não chegam a surpreender o leitor, por não se tratar de documentos inéditos, todavia mostram de longe o fôlego exigido pela abrangência geográfica e temporal. O trabalho tem como centro de atenção principalmente a destruição da Mata Atlântica na região sul do país, especificamente Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Abrangendo desde o período colonial, o autor nos mostra os vários usos dados aos produtos da floresta e os abusos que a sociedade cometeu em sua relação com a natureza. Abusos que se intensificam no século XIX, com o advento do café exigindo sempre mais terras de matas virgens. Temos, então, a perspectiva de quão rápida foi a ocupação do interior de São Paulo, com o café desalojando em sua passagem sociedades indígenas, caipiras e posseiros, em uma acelerada derrubada da mata.

Ao narrar a história da destruição da floresta o autor nos mostra que vivemos hoje o mito da floresta virgem. Num primeiro momento, ao discutir que as sociedades indígenas já tinham percorrido grande parte da floresta com técnicas de manejo próprias. Muitas das áreas hoje tidas como intactas, dificilmente poderiam ser consideradas como sendo de floresta primária, dada a intensidade da exploração econômica a que a floresta foi submetida durante séculos pelas sociedades indígenas e, posteriormente, por caçaras e caipiras. Dessa floresta tudo o que era economicamente viável se retirou: madeiras, orquídeas, especiarias, penas, peles, animais, aves, lenha, etc... Por último, se derrubou a floresta, colocando em seu lugar o pasto para o gado, pois mantê-la não valorizava economicamente a terra.

O que mais surpreende neste trabalho não é seu tom de defesa do meio ambiente. O autor, neste sentido, é bastante circunspecto. Mas é a revelação de como se acham entrelaçadas a história da floresta e a história da luta pela terra. Da conquista da terra agricultável. . Ficamos sabendo, no entanto, que as raízes históricas dos conflitos pela terra na região do Pontal do Paranapanema, por exemplo, tem tudo a ver com a derrubada da última grande porção de floresta do Estado de São Paulo na década de quarenta, para atender à especulação imobiliária.

Mas não pense o leitor que Warren Dean se detém apenas nas monoculturas e nas suas necessidades de terras virgens. Temos neste trabalho uma importante discussão sobre o fornecimento da energia necessária para sustentar o ciclo do ouro, das pequenas siderúrgicas pelo interior de Minas Gerais, dos engenhos de açúcar e das torrefações de café, ou seja, o fornecimento de lenha, ou carvão vegetal. Essas histórias, que aparentam ser secundárias, nos mostram o entrelaçamento do homem com seu ambiente e sua capacidade destrutiva.

O autor compartilha uma visão mais clássica de preservação da natureza, principalmente no tocante à conservação de parques nacionais, acreditando que o afastamento das populações ditas tradicionais (como caçaras e caipiras) das áreas restantes da mata, é fundamental para preservar o que resta da floresta, porque considera as populações tradicionais como predadoras do ambiente. Em muitos momentos, a prática da agricultura itinerante, em que

como primeiro passo temos a queimada da mata primária, aparece como uma completa irracionalidade, e não como adequada em certas circunstâncias históricas e sociais. Muitos outros autores hoje apontam que as queimadas praticadas pelas sociedades indígenas podem ter sido responsáveis pela diversidade biológica, tendo funcionado como controle e garantia de propagação de algumas espécies.

Mas é necessário ressaltar que Dean responde a muitas questões importantes para quem pretende pensar as práticas agrícolas na história do Brasil. Na medida em que as práticas agrícolas levavam à constituição de um campo de saber científico, com a criação de escolas agrícolas, museus, herbários, etc, levaram também à conscientização da necessidade de defesa da floresta. Dean resgata alguns grandes admiradores e protetores da floresta no meio da devastação generalizada, dedicando carinhosa atenção a Augusto Ruschi, seus colibris, orquídeas e bromélias.

É, nesse sentido, um livro necessário e fundamental para todos, historiadores ou não, que queiram se manter atualizados com a questão ambiental. Como afirma o próprio Warren Dean, ao menos a destruição da Mata Atlântica deve nos alertar para o que pode acontecer com a Amazônia. É, pois, com um olhar para o futuro, que o trabalho deve ser lido.

Isabel Cristina Martins Guillen
DEHIS/ FUNDAJ

